

Imagens:

® Dior Haute Couture.
Emily Blunt for ® Vanity
Fair



ERA UMA VEZ...

UM MOVIMENTO DE ELEGÂNCIA E
CORAGEM EM TERRA DE MATIZ CINZENTO

Era uma vez uma terra remota cujo nome era incompreendido por ser incompreensível. Por que é que os edifícios, tão livres quanto redutores, espelhavam aquele tom monótono e entorpecido? As janelas meticulosamente polidas não eram mais do que um convite ao sentido da vida, um convite que era negado quando a torrente de nuvens negras, pesadas, temidas e esquecidas ameaçavam reflectir a sua imagem espectral em tal espelho descomunal!

Que ironia esta em terra de matiz cinzento! O nome desta terra tinha significado por ser insignificante!

Desprotegidos viviam os seus habitantes, procurando o artista que os aprisionara naquela tela incompleta, onde um jogo cromático acabara ainda antes de começar. Mas quem era este pintor amargurado, que tinha na sua alma tanto egoísmo mal disfarçado?

Ninguém sabia quem ele era ou para onde ele fora porque tão triste era o fado que governava os habitantes daquela terra que a obra de arte não tinha sido assinada! Os cidadãos veneravam, porém, o seu anonimato porque assim deveria ser. As regras tinham sido escritas para serem obedecidas e o livre - arbítrio não era mais do que uma liberdade disseminada.

Num dia particularmente chuvoso, as folhas castanhas inertes

volviam e revolviam no pavimento sombrio, o seu som entrecortado pelo suspiro erróneo do vento errante. Aquele momento indicava agitação e esta era pressentida por uma elite daquela terra longínqua.

A agitação da Natureza levava à discussão por parte daquela elite indefesa. Ali nascia também a luz, que tanta razão indicava, e aquele feixe de luz repartia-se em mil e uma cores, tantas quanto aquelas que pintariam a tela assustadoramente incompleta.

Mas quem eram estas mentes iluminadas que ousavam desobedecer o artista fugitivo? Quem é que era capaz de unir o coração à mente para analisar o que tornava aquela obra descontente?

Existiam muitas perguntas que eram feitas para não serem respondidas: as tão conhecidas perguntas retóricas! Mas havia também outra retórica: a que era feia, malévola e a que era vista como sendo a *pièce de resistance* do discurso politicamente correcto, numa terra cujo nome era inconformado por ser conformista!

Bastava daquela realidade gasta, daquela peça de teatro em que ao protagonista tinha sido atribuído o papel secundário! Os direitos existiam por serem valores inquestionáveis no seio de uma sociedade livre! Preparavam-se as mulheres para aquela batalha quando um momento de hesitação caiu em território hostil.

Medo. O medo não era mais do que a ansiedade. Era também ele que fazia aquela elite poderosa. Ele fazia-as questionar sobre o bem e o mal, o que era certo e errado. O medo estava na base da construção da segurança, sendo

aquilo que fazia delas humanas num mundo onde a Humanidade se desfazia em intrigas.

II

Tão nobre era aquele sentimento que elas se questionaram: “E se a cidade fosse superior ao cidadão?”

A pequena sala ficou em silêncio, enquanto o grupo se debatia e deliberava sobre esta falha no plano: era certo que, quando o cidadão morria, a cidade retomava o seu *sururu* habitual, reorganizando-se e chorando aquela perda incontornável pelo mínimo de tempo possível. O ritmo instalava-se de novo, os sons proveniente dos carros ensurdecidos voltava a ganhar terreno e o eco dos passos solitários conferia sentido à agitação inexorável.

O pequeno cidadão morreria. *Tant pis!* A cidade. Essa recuperava os seus sentidos, fazendo com que os seus cheiros, sons e imagens despertassem ainda antes de terem adormecido.

Havia, porém, uma alternativa: triunfar na sociedade através de actos, feitos e obras que as impediavam de ser esquecidas. Só assim o pobre cidadão conseguia ser superior à gloriosa cidade. Mas o que é que acontecia quando se tinha de ser mais imponente do que a própria sociedade?

Só nesses casos é que um movimento de elegância e coragem emergia. Foi assim que numa terra remota, cujo nome era tão poderoso quanto frágil, nasceu o movimento feminista. Três mulheres desafiaram a ordem da sociedade por recusarem-se a aceitar o destino que lhes era imposto.

A sua mente iluminada e a sua cor desejada eram duas das armas que usariam naquela batalha histórica, onde a igualdade e o respeito apresentavam-se como dois motes de guerra.

A vida não era *en rose*, mas poderia ser definitivamente *en pose*. Erguendo o seu rosto com dignidade e preparando o seu espírito para qualquer adversidade, o grupo marchava de forma semblante até à ventura. O medo começava a ser substituído por uma adrenalina doce, que percorria as veias suaves, vinda directamente dos corações destemidos.

Tomando a sociedade de surpresa, as mulheres começaram a pintar de lilás a tela cansada de ostentar o cinzento mordaz. Os espectadores abriam a boca indignados:

Quem desafiava as regras conservadoras de uma terra tão bem sedimentada? Aos gritos e aos suspiros, seguiu-se... seguiu-se... o quê?

Nada. O nada que para elas era tudo o que queriam ver e ouvir. A população aparentemente implacável teve a ousadia de reagir, sem, porém, encontrar a coragem para agir!

As mulheres oprimidas, essas sim encontraram força interior para finalizar a tela outrora incompleta. A multidão assistia, num misto de medo e insegurança, ao desenrolar de todo aquele espectáculo, sem ter consciência de que os seus rostos assustados apenas alimentavam a vontade de mudança de três seres humanos. O sonho não era mais uma utopia!



Perguntam-se vocês porque é que a sociedade não agiu perante aquele golpe no que era tido como um padrão monocromático. A resposta não poderia ser mais simples, concisa, agri-doce e, de certa forma, ironicamente bela.

Quando o ser humano confina-se deliberadamente ao conforto e ao conformismo, não desenvolve as respostas necessárias para agir com coragem e autonomia. Por outro lado, no centro do coração mais valente, encontra-se um passado de ostracização e repressão, que faz uma pessoa procurar novos caminhos e conquistar o seu lugar merecido na sociedade actual.

As mulheres reprimidas fizeram uso de uma energia que lhes é tão característica, um elixir cujos principais ingredientes são a perspicácia, a inteligência e a vontade de construir um mundo melhor. Já Tom Ford disse uma vez: *Se começarmos a vida como água de toilette, devemos ter a possibilidade de a acabar como perfume!*

A tela foi pintada em tons de lilás e o artista amargurado nunca mais emergiu, movido pela vergonha, do seu auto – exílio. A obra de arte foi finalmente assinada no canto inferior direito e as três mulheres recusaram-se a apagar o seu nome, pois fazê-lo significaria arrepender-se dos seus feitos.

E esta é a história onde a cor e as mulheres que agem se juntam para formar a palavra coragem em terra de matiz lilás!

O mundo, um arco-íris perfeito é meu, teu e do outro! ■

